

O Di3logo entre a F3 e a Raz3o

(Debate com D. Dimas Lara Barbosa, secret3rio geral da CNBB - "Manh3 Filos3fico-Teol3gica"
da Semana da Faculdade Dehoniana: "85 anos de Teologia em Taubat3", 13-02-09.

Mantivemos o tom oral do discurso)

(recebido para publica3o em 21-01-09; aceite em 28-01-09)

Jean Lauand

Prof. Titular FEUSP - jeanlaua@usp.br

Bento XVI: o dever de criticar a Igreja

Inicialmente quero agradecer aos organizadores desta semana pelo imensamente honroso convite para esta sess3o, nesta Faculdade t3o ilustre, nesta data t3o especial. 3 uma honra especial, t3b3m, poder dialogar com Dom Dimas, figura t3o importante da Igreja no Brasil.

A refer3ncia principal para nosso di3logo ser3 naturalmente a *Carta Enc3clica Fides et Ratio* do Sumo Pont3fice Jo3o Paulo II, publicada em 14-09-98.

Desde h3 muitos anos, dedico boa parte de meu trabalho de doc3ncia e pesquisa na Universidade de S3o Paulo ao pensamento medieval - com tantas interfaces com o tema que nos ocupa hoje - e, de modo especial na P3s-Gradua3o, a Santo Tom3s de Aquino, que, como n3o poderia deixar de ser, situa-se no pr3prio centro da *Fides et Ratio*.

Nestes 30 anos lecionando esses temas na USP - em di3logo acad3mico n3o s3 com cat3licos, mas t3b3m com crist3os de outras igrejas e seguidores de religi3es n3o crist3s, e t3b3m c3ticos, ateus..., enfim, o p3blico em geral -, alunos, orientandos e colegas expressam muitas d3vidas e obje3es em rela3o a nossa Igreja, e eu gostaria de trazer aqui algumas que considero pertinentes a esse debate, como porta-voz de queixas ligadas ao tema: f3 e raz3o.

O pr3prio papa Bento XVI, citado em um importante documento da CNBB, convoca os jovens a apresentarem suas cr3ticas 3 Igreja:

A Igreja tem seu lado divino, mas, t3b3m, seu lado humano. 3 santa e, ao mesmo tempo, formada por pecadores. Devida 3 fraqueza humana, sofre continuamente a tenta3o de se afastar da m3stica do seu fundador, deixando de ser reflexo do modelo. A Igreja que evangeliza, portanto, deve estar sendo continuamente evangelizada. "Pode-se criticar muito a Igreja. N3s o sabemos e o Senhor mesmo nos disse que ela 3 uma rede com peixes bons e ruins, um campo com trigo e joio. O Papa Jo3o Paulo II, que nos mostrou o verdadeiro rosto da Igreja nos numerosos beatos e santos que proclamou, t3b3m pediu perd3o pelo mal causado, no correr da hist3ria, pelas palavras ou atos de homens da Igreja" (Serm3o de Bento XVI para mais de um milh3o de jovens na Jornada Mundial da Juventude em Col3nia, em 2005)."¹

¹ *Evangeliza3o da Juventude Desafios e Perspectivas Pastorais* S3o Paulo, Paulinas, 2007, No. 69

Essas queixas – pelo menos em meu âmbito de debate acadêmico – giram em torno de certos desvios teológicos, derivados de um mal entendimento ou esquecimento de algo muito profundo e que deveria ser muito caro para a Igreja e que se encontra em seu principal mentor filosófico, Santo Tomás de Aquino: é necessário lembrar, contra as **certezas dos fariseus** e seu **legalismo tirânico**, a **liberdade** e o **mistério** (em vez de falar de um pretensão “tomismo” como sistema completo, deveríamos recordar que a grande missão da filosofia cristã é manter vivo esse sentido de mistério e de liberdade - as esquecidas “**teologia negativa**” e “**filosofia negativa**” de Tomás), e devolver ao cristão o leme da direção da própria vida, o que classicamente se chama a **virtude da prudência**. É sobre esses fundamentos teológicos, tomasianos, que versa esta minha fala.

Fariseus de ontem e de sempre. O catolicismo insaciável.

O tema do relacionamento entre fé e razão entra em pauta para a Igreja já no século II, quando começa a haver convertidos de esmerada cultura grega e surgem as perguntas: “Que fazer com a cultura e a filosofia pagãs?” “A filosofia tem um lugar no cristianismo ou deve ser descartada?” Desde então, desde a nascente patrística até hoje, encontramos no cristianismo diversas posições, que vão do franco acolhimento ao repúdio total; de um São Justino que afirma que “tudo quanto de verdade se disse pertence a nós cristãos” (e considera Platão discípulo de Cristo; e Sócrates, mártir do cristianismo) ao desprezo de um Tertuliano², que enuncia a pergunta retórica: “Que há de comum entre Atenas e Jerusalém; entre a Academia e a Igreja?”

Como diz Henri Irenée Marrou, o catolicismo é necessariamente uma religião culta. E, em meio a vicissitudes e restrições, deu-se o acolhimento da cultura pagã e do pensamento pagão. Sempre em oposição a outras correntes. Um interessante livro de Étienne Gilson, *The unity of Philosophical Experience*, mostra como há nas religiões - cristianismo, judaísmo e islamismo - certas constantes históricas no relacionamento entre fé e razão, por exemplo no repúdio à filosofia. Uma dessas constantes é o teologismo: pessoas piedosas empenhadas em enaltecer mais a glória de Deus partem para a afirmação de que Deus é que é e faz tudo, enquanto a natureza e o homem nada são e nada fazem. Assim, chega-se à conclusão de que a natureza está desprovida por completo de realidade e de inteligibilidade. E, neste caso, o ceticismo é inevitável³.

² Diga-se de passagem, que embora muitos na Igreja continuem considerando o “fundamentalista” Tertuliano um Padre da Igreja, S. Tomás não hesita em considerá-lo um herege delirante.

³ Diz Gilson: “Por mais diversas que estas doutrinas possam ser de acordo com as diferentes épocas, lugares e civilizações em que foram concebidas, sempre, no final de contas, se assemelham, pois todas estão intoxicadas por um determinado sentimento religioso que chamarei singelamente: sentimento da Glória de Deus. Sem dúvida, não existe verdadeira religião sem este sentimento: é o mais profundo e o que há de melhor nela. Mas uma coisa é experimentar profundamente certo sentimento e outra, permitir-lhe que, sem controle da razão dê uma interpretação completa do mundo. Sempre que se permitiu à piedade entrar no campo da Filosofia, o resultado foi que teólogos pios, para enaltecer mais a glória de Deus, investiram contra a própria criação divina. Deus é grande, alto, onipotente. Que melhor prova pode-se dar destas verdades do que mostrar que a natureza e a humanidade são criaturas insignificantes, vis e totalmente desprovidas de poder? Mas, este método é muito perigoso, porque seu desenvolvimento prejudica igualmente a Filosofia e a religião. Nesse caso, a sequência de teses costuma ser, com demasiada freqüência, a seguinte: alguns teólogos, com a melhor intenção do mundo, dão por verdade filosoficamente estabelecida que Deus é e faz tudo, enquanto a natureza e o homem nada são e nada fazem; surge, então, um filósofo que leva a sério a demonstração feita pelo teólogo da impotência da Natureza e exacerba, ainda mais, tal debilidade, para demonstrar que existe Deus. E, assim, chega-se, logicamente, à conclusão de que a natureza está desprovida por completo de realidade e de inteligibilidade. E, neste caso, o ceticismo é inevitável. Ora, alguém pode conviver com o ceticismo filosófico, enquanto esteja respaldado por uma fé religiosa positiva. Porém, se essa fé desaparece, que nos resta senão um ceticismo absoluto?” (http://www.hottopos.com/mp4/gazali_mplus4.htm#teol)

Outra constante são os radicalismos farisaicos, presentes em todas as igrejas, em todas as religiões. Poucos, mas muito determinados e organizados, podem chegar a dominar uma igreja. Sim, o que caracteriza a “seita dos fariseus” (a expressão é de At 15, 5), como já advertia o próprio Cristo, é a hipocrisia ligada a seu insaciável apetite por normas e leis, os fardos pesados que atam (Mt 23, 4), para *garantir* a salvação nesse mundo tão perigoso e dominado pelo mal.

A expressão “*catolicismo insaciável*”, e poderíamos falar também de um “cristianismo insaciável”, de um islam ou judaísmo insaciáveis etc., foi cunhada em 1952 pelo saudoso filósofo Julián Marías (ele mesmo um católico exemplar), para denunciar certo tipo de fanatismo, vigente na Espanha franquista. Após enumerar as manobras dessa insaciabilidade, que impunha - com força de dogma religioso, opiniões políticas, estéticas, filosóficas etc. - Marías conclui:

Isto procede de um espírito, freqüente no catolicismo espanhol e que não tem nada que ver com o catolicismo como tal, que se poderia chamar de “insaciabilidade”. Há em Espanha excessivas pessoas que não se contentam com que alguém seja católico; não lhes basta que se creia nos artigos da fé, que se recebam os sacramentos e que se cumpra, na medida do possível, o Decálogo...⁴

Não se contentam com o Credo, os sacramentos e os mandamentos: são insaciáveis! Para eles, é necessário, além disso, opinar que o único catolicismo autêntico é o deles, é necessário adotar certas posições políticas, com as quais não se sentem solidários os católicos do resto do mundo; é necessário crer em uma série de “dogmas” - que vão da política à pedagogia, passando pelas artes, ciências, cultura etc. - e que nada têm que ver com o catolicismo.

Para ficarmos em alguns casos mais notórios, lembro-me de uma grande campanha em certos setores insaciáveis do cristianismo (chegou a ter chamada de capa da revista “Época”, em dezembro de 2001), decretando que a série de livros de Harry Potter eram uma ameaça à fé cristã⁵.

Outro exemplo foi a cruzada lançada por certos setores insaciáveis em favor do filme “A Paixão” de Mel Gibson, como se fosse a mais pura evangelização. As críticas, como as de que o filme poderia suscitar anti-semitismo ou “evangelizar” pela violência, foram consideradas simplesmente: “pretextos, ‘motivos aparentes’ da rejeição do filme, os disfarces hipócritas do ódio inegável, desencadeado no mundo contra o filme de Mel Gibson”⁶.

4 “Dios y el César” in *Sobre el Cristianismo*, Barcelona, Planeta, 1998, pp. 51 e ss.

5 Descobrir se o pequeno Potter tem parte com belzebu foi a discussão central em duas revistas religiosas de orientações diferentes. A *Eclésia*, dirigida aos evangélicos, disse que “por trás da aparência frágil do garotinho há uma séria ameaça à fé cristã”. A *Catolicismo*, editada pela ultraconservadora Tradição, Família e Propriedade (TFP), viu nos livros e no filme “uma preparação das almas e das mentes para abrir-se a um mundo de horror e trevas, que configura o reino do demônio” (Revista Época, No. 188, 24-12-2001, <http://epoca.globo.com/edic/20011224/cult3a.htm>)

6 <http://www.presbiteros.com.br/old/Artigos/Globalizacao.htm> É o site de D. Antônio Carlos Rossi Keller, bispo de Frederico Westphalen-RS, membro do Opus Dei e, na época, único responsável pelo site. O curioso é que essas invectivas foram lançadas por um outro sacerdote, o Pe. Francisco Faus, também do Opus Dei, - em uma palestra para formação de seminaristas em São Paulo, ao mesmo tempo em que o Cardeal de São Paulo, escrevia contra o filme: “O simples fato de a comunidade judaica, no Brasil, ter considerado o assunto tão grave a ponto de emitir uma nota para denunciar anti-semitismo, deve ser levado seriamente em consideração ao julgarmos o filme. Na verdade, um filme sobre Jesus Cristo não deve ser nem parecer anti-semita, pois por tudo que sabemos de Jesus, ele jamais aceitaria ser usado para o anti-semitismo seja aberta seja disfarçadamente, tanto assim que ele mesmo, sua mãe, seus apóstolos, inclusive Paulo, todos são judeus (Dom Cláudio Hummes “‘Paixão’ deve ser visto pelo filtro da fé e da crítica”, *O Estado de S. Paulo*, 24/03/04).

Um fator de perigo adicional que costuma ocorrer nos católicos insaciáveis é o da pessoa - ou instituição... – estar, além do mais, convencida de que é representante da verdade de Deus e aí ela pode se permitir pequenos (ou grandes...) deslizes na seriedade e no rigor: afinal, trata-se de promover a causa de Deus e aí vale tudo. Nos *Anexos*, apresentarei casos, alguns examinados em uma recente dissertação de mestrado sobre o *Opus Dei*⁷:

Anexo A – Navarro Valls e a “aprovação” do Papa ao Filme “A Paixão”.

Anexo B – D. Rafael Llano Cifuentes e a “camisinha”: argumentos científicos?

Anexo C – Há transparência na Igreja? O caso de “El Padre”, Marcial Maciel.

Anexo D – O guia do eleitor, do site de D. Antônio Carlos Rossi Keller

Fariseus de ontem e de sempre: a arte de negar a realidade.

A propósito dos fariseus, recorro outra característica - mais profunda e sutil -, que Cristo aponta no final do cap. 9 de João, o episódio do cego de nascença.

Num sábado, Jesus vê um cego de nascença. Os discípulos lançam a descabida pergunta: “quem pecou: este ou seus pais, para que nascesse cego?” Jesus faz um lodo, aplica-o nos olhos do cego, manda que se lave na piscina. Ele vai e fica curado. Aí começa um interminável processo: os fariseus, furiosos, querem negar o fato da cura: não houve cura, não pode ter havido cura (“Nós sabemos que esse homem - Jesus – é um pecador Jo 9, 24”), este não é o homem cego, ele nunca foi cego etc. Interrogam-no, interrogam os pais e, por fim, a terrível exclusão: expulsam-no da sinagoga. Jesus volta a encontrar-se com ele (que não tinha visto Jesus) e lhe pergunta se crê... Após um primeiro momento de perplexidade (mais perguntas...) ele reconhece a voz de Jesus e o adora. Cristo, então, fala que veio para que os que não vêem, vejam; e os que vêem se tornem cegos. Os fariseus que estão por perto ficam indignados: “Você está dizendo que nós, os fariseus, somos cegos?” (Jo 9, 41). E a resposta de Cristo, surpreendente e terrivelmente condenatória: - Não, se vocês fossem cegos, não haveria pecado; vocês permanecem no pecado porque *acham que são os que vêem*⁸.

É a triste constatação de Clément Rosset, frequente nas religiões:

Se há uma faculdade humana que merece atenção e assemelha-se ao prodígio é realmente essa aptidão, particular ao homem, de resistir a toda informação exterior quando esta não concorda com a ordem da expectativa e do desejo, de ignorá-la se for preciso e a seu bel-prazer; admitindo a possibilidade de opor a ela, se a realidade insiste, uma recusa de percepção que interrompe toda controvérsia e encerra o debate, naturalmente às custas do real. Esta faculdade de resistência à informação tem algo de fascinante e de mágico, nos limites do inacreditável e do sobrenatural: é impossível conceber como se utiliza o aparelho perceptivo para não perceber, o olho para não ver, o ouvido para não ouvir. No entanto, essa faculdade, ou melhor, essa antifaculdade, existe; ela é mesmo das mais banais e qualquer um pode fazer sua observação quotidiana⁹.

7 Silva, Marcio Fernandes da *Educar para a submissão – o caso Opus Dei*, dissertação de mestrado apresentada à FEUSP, 2009.

8 Cf. Pieper, J. “A experiência com a cegueira”, <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>

9 Rosset, Clément “A inobservância do real” in *O Princípio da Crueldade*, Rio de Janeiro, Rocco, 2002, pp. 52-3.

Os fariseus de todas as épocas - os de hoje, aliás, contam com um notável acréscimo de poder, porque são organizados - têm certezas estabelecidas, “eles vêem”. E, insaciavelmente, vão criando novos dogmas, como quando Paulo e Barnabé estão contando, para júbilo da comunidade, as maravilhas que o Espírito Santo operou na conversão dos gentios, “mas alguns da seita dos fariseus, que tinham recebido a fê, levantaram-se dizendo que era necessário circuncidá-los e mandar-lhes observar a lei de Moisés” (At 15, 5). E é imediatamente excluído quem diverge de algum de seus dogmas inventados - como o da proibição de curar no sábado¹⁰.

Como brilhantemente mostrou Gabriel Perissé, “O fanatismo religioso é um ateísmo”:

Há algo que os fanáticos não podem dissimular por muito tempo: o seu ateísmo. Todo fanático religioso termina recriminando a Deus. Impaciente com a bondade divina, chateado com a misericórdia de um Deus não-fanático, o fanático gostaria de criar um novo Deus, à sua imagem e semelhança. Um Deus mais engajado, mais atento, mais preocupado com os desmandos do mundo. (...) A obra fanática sonha recriar o mundo. Não entende como Deus pode ter sido tão descuidado, deixando tantas heresias proliferarem como moscas. Os fanáticos, reunidos semanalmente, olham para as estatísticas e planejam dar umas férias para Deus tão incompetente. Já tentaram conversar com Deus. Numa boa. Rezaram longamente, implorando que Deus abrisse os olhos, colocasse um ponto final neste caos. Inutilmente. Deus parece estar brincando de Deus. Não se leva a sério nem leva a sério os seus fiéis servidores. Por isso, a obra fanática tomou uma decisão histórica. A partir de agora, queira Deus ou não, vamos assumir tudo por aqui. Sem alardes, mas com profissionalismo. Chegou o momento de pôr ordem no barraco. Se Deus perdeu a compostura, cabe aos homens de bem assumir o comando. Cabe à obra fanática, a última coisa coerente e bela neste mundo sem rumo, recolocar a humanidade nos trilhos. Se Deus quiser aproveitar a oportunidade, ótimo. Se preferir continuar fingindo que está tudo bem... problema dEle! (2007 <http://www.correiocidadania.com.br/content/view/809/>)

Cristo e a liberdade da indeterminação. Evangelho e Alcorão.

Nesse ponto, é interessante voltarmos os olhos para o próprio Cristo.

Em Sua pregação não encontramos nada que se assemelhe à Filosofia. Cristo em nenhum momento pretende elaborar articulações racionais; perguntar-se o que, em si e afinal, é a beleza, o amor, a justiça - como Platão em *Teeteto* 175, caracteriza o filósofo: interessado não em saber se o rei que tem muito ouro é feliz, mas o que a felicidade é; não se com este ato eu leso teu direito, mas o que a justiça é. Nada mais distante da pregação de Cristo... Ele se apresenta como o Filho de Deus, como Caminho, Verdade e Vida¹¹.

10 Em II Re 4, a sunamita, desesperada ante a morte do filho diz ao marido que vai em busca do profeta Eliseu; e o marido responde que *não* é sábado para buscar curas com o profeta (II Re 4, 23).

11 A propósito, caminho, *derek* (Jo 14, 6) não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho é o de cada um, não há rodovias no deserto... Não por acaso *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica na Bíblia que foi parar no inglês *way*...

Cristo só fala em parábolas e não dá sequer uma única formulação conceitual. Se um Aristóteles fosse perguntado sobre "o próximo", ele responderia: "A diz-se próximo de B, se, e somente se, ocorrerem as seguintes condições...". Quando, porém, indagaram a Cristo pelo próximo, Ele respondeu com um *mashal*, a parábola do bom samaritano: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó...". E é precisamente para tentar esclarecer as alegorias e alusões das parábolas - Jerusalém, Jericó, descer... - que um Agostinho acolhe a cultura "profana".

Falávamos de uma gama semelhante de perfis religiosos no cristianismo e demais religiões, com seus 8% de insaciáveis fariseus etc. Há diferenças essenciais, porém, que - pensando em termos puramente abstratos - poderiam (ou deveriam...) defender-nos no cristianismo. Diferenças que se enquadram no núcleo mesmo das relações entre fé e razão.

Comecemos por uma cena evangélica que começa com uma sentença de Cristo importantíssima, mas, infelizmente, quase totalmente esquecida, até por padres e seminaristas e líderes de outras igrejas cristãs, como tenho podido verificar. Imensamente conhecida é a outra sentença, bela e poética mas secundária, que dá o desfecho da cena: "Olhai os lírios do campo...; olhai as aves do céu..."

Trata-se de um episódio evangélico *aparentemente* intranscendente: "um da multidão" aproxima-se de Cristo e faz um pedido: que Jesus use Sua autoridade para convencer seu irmão a repartir com ele a herança (Lc 12, 13). Para surpresa daquele homem (e contrariando a mentalidade antiga e a oriental, que uniam o poder religioso a questões temporais...), Cristo recusa-se terminantemente a intervir nessa questão: "Homem, quem me estabeleceu juiz ou árbitro de vossa partilha?" (Lc 12, 14). O máximo a que Cristo chega é a uma condenação genérica da cobiça, contando a esses irmãos a parábola do homem rico cujos campos haviam produzido abundante fruto e com o célebre convite à contemplação dos lírios: "Olhai os lírios do campo..."

Bem diferentes são as coisas no mundo muçulmano. Roger Garaudy, no capítulo "Fé e Política" mostra como a *tawhid* (unidade, dogma central islâmico) muçulmana se projeta sobre a política, o direito e a economia: "Deus é o único proprietário e ele é o único legislador. Tal é o princípio de base do Islam em sua visão de unidade (*tawhid*)".¹²

Garaudy tem razão ao afirmar que não se dá no Islam (não há sacerdotes), uma teocracia clerical de tipo ocidental, mas é inegável, também, que a visão muçulmana tem favorecido uma forte e arraigada teocracia própria e não por acaso o chefe político se intitula *ayyatullah*, "sinal de Deus". O que não impede que, concretamente, a Igreja muitas vezes tenha sucumbido à tentação da teocracia e o Islam tenha dado lições de tolerância ao longo da história... E talvez o fundamentalismo muçulmano de nossos dias se deva mais a problemas políticos mais do que a questões de fé: teria havido um *ayyatullah* Khomeini (e sua revolução islâmica, que comemorou 30 anos no dia 1 deste mês), se não tivesse havido antes um Reza Pahlevi? Seja como for, ainda hoje no Irã, o governo antes de dar um "habite-se" para uma construção inspeciona as latrinas para certificar-se de que não estão apontadas para Meca. E o regime Taliban chegou a instituir um "Ministério do Vício e da Virtude" (para inveja dos nossos 8% de fariseus cristãos...), que regulava não só as vestes femininas e o comparecimento às mesquitas, mas até as manifestações verbais das torcidas nos estádios.

Mas voltemos à emblemática questão da herança: o Alcorão (4, 11 e ss.) diz expressamente:

12 Garaudy, Roger *Promessas do Islam*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988, p. 70.

Allah vos ordena o seguinte no que diz respeito a vossos filhos: que a porção do varão equivalha à de duas mulheres. Se estas são mais de duas, corresponder-lhes-ão dois terços da herança. Se é filha única, a metade. A cada um dos pais corresponderá um sexto da herança, se deixa filhos; mas se não tem filhos e lhe herdaram só os pais, um sexto é para a mãe. Etc., etc.”. E conclui: “De vossos ascendentes ou descendentes, não sabeis quais vos são os mais úteis. Isto compete a Allah. Allah é onisciente, sábio.

Essa pressão religiosa suscitou o surgimento da ciência da Álgebra, na “Casa da Sabedoria” de Bagdá, para, literalmente equacionar a sura 4¹³.

Contrastemos com o cristianismo. Naturalmente, para um cristão, o mundo é criação de Deus e obra de sua Inteligência: o mundo foi criado pelo *Verbum* e, portanto, conhecer o mundo é conhecer sinais de Deus. E mais: cada criatura é porque é criada inteligentemente por Deus, participa do ser de Deus. O Deus cristão é *Emmanuel*, Deus conosco, e pela Encarnação, a eternidade de Deus ingressa na temporalidade e Cristo encabeça, re-capitula (como diz o *Catecismo da Igreja Católica*) toda a realidade criada.

Daí que a Igreja defenda a lei moral, lei natural da dignidade do ser do homem, que lhe foi conferida pelo ato criador do *Verbum*. Mas, precisamente por essa mesma concepção teológica, o cristão pode afirmar a mais decidida autonomia das realidades temporais: **porque** o mundo é obra do *Verbum*, a realidade temporal tem sua verdade própria, suas leis próprias, naturais, descartando o clericalismo.

Esta é mesmo a doutrina oficial da Igreja, que rejeita definitivamente tanto o clericalismo quanto o laicismo que pretende afastar Deus da realidade social. Assim, na mesma passagem (4, 36) em que a *Lumen Gentium* afirma: “nenhuma atividade humana pode ser subtraída ao domínio de Deus”, junta: “é preciso reconhecer que a cidade terrena, a quem são confiados os cuidados temporais, se rege por princípios próprios”. E a *Gaudium et Spes* (1, 3, 36): “Se por autonomia das realidades terrestres entendemos que as coisas criadas e as mesmas sociedades gozam de leis e valores próprios, a serem conhecidos, usados e ordenados gradativamente pelo homem, é absolutamente necessário exigí-la. Isto não é só reivindicado pelos homens de nosso tempo, mas está também de acordo com a vontade do Criador. Pela própria condição da criação, todas as coisas são dotadas de fundamento próprio, verdade, bondade, leis e ordem específicas. O homem deve respeitar tudo isto, reconhecendo os métodos próprios de cada ciência e arte”¹⁴.

Autonomia das realidades temporais e sua fundamentação teológica

Para nós, que estamos preocupados com as relações entre fé e razão, permitam-me lançar um teste, uma pergunta: quem proferiu a seguinte sentença:

É necessário que as pessoas religiosas traduzam suas posições em termos universalmente aceitáveis e não específicos de sua religião. Suas propostas devem poder ser discutidas pela razão.

- a) Aiatolá Khomeini b) Chico Xavier c) George Bush d) Barack Obama
e) S. Agostinho f) Al-Gazali g) Santo Alberto Magno h) Papa Bento XVI

¹³ Cf. Lauand, J. Ciência e Weltanschauung- a Álgebra... <http://www.hottopos.com.br/notand5/algeb.htm>

¹⁴. Cfr. também *Apostolicam Actuositatem* (II, 7).

A sentença é de Obama e a traduzi um pouco livremente para poder camuflar o fato de ser um autor contemporâneo:

*Democracy demands that the religiously motivated translate their concerns into universal, rather than religion-specific, values. It requires that their proposals be subject to argument, and amenable to reason*¹⁵.

Mas, quem respondeu S. Alberto Magno, não errou. A recepção de Aristóteles no século XII, permitiu esse enorme avanço, aparentemente impossível para a época, e que a *Fides et Ratio* descreve assim:

Santo Alberto Magno e S. Tomás... foram os primeiros a reconhecer à filosofia e às ciências a autonomia de que precisavam para se debruçar eficazmente sobre os respectivos campos de investigação. (F&R, N. 45)

A grande contribuição de Alberto Magno – que, junto com S. Tomás, são os únicos que aceitam Aristóteles a partir da ortodoxia – é o entendimento da criação como a recepção do ser como sua propriedade: Deus, a luz de Deus ilumina as coisas *secundum quod huiusmodi sunt* (*Contra Gentes* 2,4). A Criação é obra de toda a Trindade e Deus Pai cria pelo seu *Verbo*, o *Logos* que dá uma inteligibilidade própria a cada coisa.

Assim, para Alberto e Tomás não só é ridículo e inaceitável entrar com autoridades bíblicas ou eclesiásticas em discussão científica e natural: é um desrespeito ao próprio Deus, *Logos Criador*. E mais: a compreensão natural dessa realidade com que o homem se encontra é fundamental para a Teologia.

Nesse sentido, é grato constatar que a CNBB acolhe em seus projetos de evangelização valores como a democracia e a transparência:

Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade. Uma Igreja que não acolhe esses valores encontra grandes dificuldades para evangelizar os jovens¹⁶.

Nós pensamos melhor as coisas, de modo mais isento, quando não estamos envolvidos. Que diríamos nós, se se elessemos prefeitos e vereadores khomeinianos em Taubaté, que pretendessem fechar a Faculdade Dehoniana, porque as privadas estão na direção de Meca?

Sim, todo aquele que crê está legitimado em pedir luzes a Deus para suas decisões (é, segundo a doutrina católica, “conselho”, dom do Espírito Santo); o que não se pode é pretender avalizar com a autoridade divina posições meramente temporais, o tal catolicismo insaciável.

15 http://usliberals.about.com/od/faithinpubliclife/a/ObamaReligion_4.htm, 2006

16 *Evangelização da Juventude Desafios e Perspectivas Pastorais* São Paulo, Paulinas, 2007, No. 13

Seja como for, a iluminação sobrenatural deve ser, caso queiramos fazer uso público dela, de tal ordem que torne visíveis **para qualquer um** a realidade de que se trata. Outra atitude degeneraria em tirania, em teocracia.

Um exemplo que vem da própria Bíblia, nos ajudará a entender. É o capítulo 13 do profeta Daniel. Dois anciãos, juizes (iníquos) de Israel, repelidos pela bela Susana em seus desejos lascivos, vingam-se levantando contra ela o falso testemunho de adultério: “Vimos um jovem assim, assim, adulterando com ela no jardim etc.”. Quando a multidão já está preparada para aplicar à casta Susana a pena de morte por apedrejamento, Deus inspira ao jovem Daniel (cujo nome, aliás, significa, juiz de Deus) a defesa da inocente. Mas Daniel não afirma em nenhum momento sua iluminação sobrenatural. Apresenta argumentos humanos, que todos podem comprovar e evidenciam a injustiça daquele processo: interroga em separado, diante do povo, os juizes iníquos: “Debaixo de que árvore ela estava adulterando?” e ante a disparidade de respostas, torna-se evidente que estavam mentindo.

Outro exemplo, extraído da própria realidade brasileira. O Brasil inteiro chorou o desaparecimento de Chico Xavier, uma figura boníssima e um exemplo de humildade e de amor. Mas esse grande líder espírita protagonizou alguns episódios curiosos e que suscitam inquietante reflexão.

Num processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação por homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima (“Testemunha do crime: o médium”, *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o “Jornal Espírita” comentou essa notícia em matéria de primeira página: “Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do 'lado de lá' - com o aval das autoridades - consertar tantas injustiças” (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

Outro tanto poderia ser questionado a propósito da prática de cirurgias por médiuns, o que equivale a uma dispensa do diploma de médico. Etc.

Agradeçamos que os espíritos nos orientem sobre questões de foro íntimo ou, então, tal como no caso do profeta Daniel, nos apontem as razões - visíveis para todos - que possam nortear nossas propostas numa sociedade pluralista.

Tomás de Aquino leva a sério e às últimas consequências o *Prólogo* de João. A Criação é obra de toda a Trindade; de Deus Pai, sim, mas pelo *Verbum*. Assim, se o *Logos* criou todas as coisas, isto significa que as coisas têm - por Criação - uma inteligência fundante estruturando-as por dentro. Então, se eu quiser, digamos, plantar castanhas, eu devo estudar “castanho-*logia*”, conhecer a racionalidade natural das castanhas (quando devo plantá-las, como adubar etc.) e não procurar iluminações na religião ou nos ministros religiosos. Se eu quero trabalhar com fígado eu devo estudar hepatologia, o logos-do-fígado, e pretender invocar livros sagrados ou autoridades clericais para o tema seria não só descabido, mas até mesmo uma blasfêmia: negar a ação criadora do *Logos*.

E, dizíamos, a compreensão natural dessa realidade com que o homem se encontra é fundamental para a Teologia. Lembremos que, em 1270, Tomás enfrenta sozinho em Paris uma duríssima batalha intelectual, sustentando a unicidade da alma

como forma, a dignidade da matéria no homem contra o espiritualismo desencarnado vigente.

Parece incrível que o catolicismo vivendo na prática essa tese da alma como forma, insistisse em negá-la na Filosofia. Consideremos, por exemplo, a liturgia. O que é a liturgia senão a aplicação até as últimas conseqüências da tese: *anima forma corporis* (a alma é forma do corpo)? A realidade mais espiritual vem traduzida em gestos, cores, e cantos. E a graça sacramental é eficazmente veiculada pela materialidade do vinho e do pão, "fruto da terra e do trabalho do homem". Fora desse reconhecimento da realidade natural, corporal do homem a liturgia desapareceria: que sentido teria a liturgia quando se considera o homem uma espécie de espírito puro unido acidentalmente à matéria (para que servissem sacramentos, gestos, imagens, etc., se a religião é "espiritual"?)

Assim, as coisas são cognoscíveis porque foram criadas pelo *Logos*. **O fundamento da autonomia da realidade temporal é teológico!** Como diz Josef Pieper em seu "Luz inabarcável – o elemento negativo na Filosofia de Tomás de Aquino"¹⁷:

As coisas têm a sua inteligibilidade, a sua luz interna, a sua luminosidade, o seu caráter manifestativo, porque Deus as pensou, por esta razão são essencialmente pensamento. A claridade e a luminosidade que jorram do pensar criador de Deus para o interior das coisas, junto com seu ser ("junto com seu ser", não!: *como* o seu próprio ser!) - esta luz interna - e só ela - é o que torna as coisas existentes apreensíveis ao intelecto humano.

Em um comentário à Escritura¹⁸, Tomás afirma: "Uma coisa tem tanto de realidade quanto tem de luz" e, em uma obra tardia, no comentário ao *Liber de causis* (I, 6), há uma sentença insólita, que formula o mesmo pensamento como que num ditado místico: *Ipsa actualitas rei est quoddam lumen ipsius*, "o próprio ser-em-ato das coisas é sua própria luz" - ser-em-ato das coisas, entendido *enquanto* ser criado! É esta luz, precisamente, o que torna as coisas visíveis ao nosso olho. Em uma palavra: as coisas são inteligíveis justamente por serem criadas!

O elemento negativo no pensamento de Tomás de Aquino

Mas a doutrina da Criação em Tomás tem também outro lado não menos essencial: porque foram criadas pelo *Logos*, o intelecto humano não pode abarcá-las; numa palavra: *theologia negativa* e *philosophia negativa*.

Parece simplesmente incrível como a Igreja - que afirma e reafirma o caráter destacado e único do pensamento de Tomás de Aquino para a Filosofia e a Teologia - continue omitindo o essencial, essencialíssimo caráter negativo do pensamento de Tomás. Definitivo neste caso, é o já citado estudo de Pieper "Luz inabarcável – o elemento negativo na Filosofia de Tomás de Aquino"¹⁹:

A relação de correspondência existente entre a imagem arquetípica em Deus e a imagem criada que a segue - e nisto consiste formal e

¹⁷ <http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>

¹⁸ *Comentário a I Tim 6,4.*

¹⁹ <http://www.hottopos.com/convenit/jp1.htm>

primariamente a verdade das coisas - não poderá jamais, como dizíamos, ser diretamente apreendida pelo nosso olho; não podemos alcançar um ponto de vista, a partir do qual nos seja possível comparar a imagem arquetípica com a sua imagem imitativa; somos simplesmente incapazes de assistir, por assim dizer, como espectadores à emanação das coisas "do olho de Deus".

Há, porém, uma conseqüência que decorre *desse fato*: o nosso intelecto, quando inquire a respeito da essência das coisas, mesmo as mais ínfimas e "mais simples", ingressa num caminho, por princípio, interminável. A razão disto, portanto, é a criaturalidade das coisas; a luminosidade interna do ser, tem sua origem arquetípica na infinita abundância de luz da inteligência divina. Esta, portanto, é a realidade subjacente ao conceito de verdade do ser, como o formulou Tomás. Mas sua profundidade torna-se visível somente quando esta conexão - evidente para Tomás - com o conceito de criação é reconhecida.

É neste conceito de verdade, assim entendido, que reside o legítimo contexto e origem do elemento de incognoscibilidade, do elemento "negativo".

Limitamo-nos a falar apenas da *philosophia negativa* - embora Tomás tenha formulado também os princípios de uma *theologia negativa*. Certamente este traço também não aparece com clareza nas interpretações usuais; freqüentemente é até ocultado. Será raro encontrar menção do fato de a discussão sobre Deus da *Summa Theologica*²⁰ começar com a sentença: "Não podemos saber o que Deus é, mas sim, o que Ele não é". Não pude encontrar um só compêndio de filosofia tomista, no qual se tenha dado espaço àquele pensamento, expresso por Tomás em seu comentário ao *De Trinitate* de Boécio²¹: o de que há três graus do conhecimento humano de Deus. Deles, o mais fraco é o que reconhece Deus na obra da criação; o segundo é o que O reconhece refletido nos seres espirituais e o estágio superior reconhece-O como o Desconhecido: *tamquam ignotum*! E tampouco encontra-se aquela sentença das *Quaestiones disputatae*: "Este é o máximo grau de conhecimento humano de Deus: saber que não O conhecemos", *quod (homo) sciat se Deum nescire*²².

E, quanto ao elemento negativo da *philosophia* de Tomás, encontramos aquela sentença sobre o filósofo, cuja aplicação ao conhecimento não é capaz sequer de esgotar a essência de uma única mosca. Sentença que, embora esteja escrita em tom quase coloquial, num comentário ao *Symbolum Apostolicum*²³, guarda uma relação muito íntima com diversas outras afirmações semelhantes. Algumas delas são espantosamente "negativas" como, por exemplo a seguinte: *Rerum essentiae sunt nobis ignotae*; "as

²⁰. *Quia de Deo scire non possumus quid sit sed quid non sit, non possumus considerare de Deo quomodo sit, sed potius quomodo non sit - Summa Theologica I, 3 prologus.*

²¹. I, 2 ad 1.

²². *Quaest. Disp. de potentia Dei*, 7, 5 ad 14.

²³. Cap. I.

essências das coisas nos são desconhecidas"²⁴. E esta formulação não é, de modo algum, tão incomum e extraordinária, quanto poderia parecer à primeira vista. Seria facilmente possível equipará-la (a partir da *Summa Theologica*, da *Summa contra Gentes*, dos *Comentários* a Aristóteles, das *Quaestiones disputatae*) a uma dúzia de frases semelhantes: *Principia essentialia rerum sunt nobis ignota*²⁵; *formae substantiales per se ipsas sunt ignotae*²⁶; *differentiae essentialia sunt nobis ignotae*²⁷. Todas elas afirmam que os "princípios da essência", as "formas substanciais", as "diferenças essenciais" das coisas, não são conhecidas.

Um caso emblemático: o esquecimento da virtude da *Prudentia*

Outra queixa importante é sobre o esquecimento da virtude cardeal da Prudência. Confesso que - em milhares de missas de que participei - nunca ouvi uma pregação sobre essa virtude! Por ela a Igreja reconheceria a maturidade de cada fiel e deixaria de tutelá-lo como se fosse menor de idade...

É difícil subestimar a importância da Prudência, a principal virtude cardeal na tradição da Igreja e no pensamento de Tomás: não é que ela seja a primeira *inter pares*, mas é principal em uma ordem superior, é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (*In III Sent.*, d 33, q 2, a 5, c) e a guia das virtudes, *auriga virtutum* (*In IV Sent.*, d 17, q 2, a 2, dco).

Se, hoje, a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão "em cima do muro"; em Tomás, ao contrário, ela expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de, cada ser humano, por si mesmo, decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudencia*: *recta ratio agibilium*, "reta razão aplicada ao agir", como repete, uma e outra vez, Tomás.

O esquecimento da prudência, da verdadeira prudência, é uma constante nos fundamentalismos, pois ela devolveria ao indivíduo a direção de sua vida, subtraindo-o às mil casuísticas dos códigos morais dos fariseus.

Prudência é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Sem esse referencial, fundamentados em quê tomamos nossas decisões? Quando não há essa *simplicitas*, a simplicidade que se volta para a realidade como único ponto decisivo na decisão, ela acaba sendo tomada, como dizíamos, com base em outros fatores.

Mas este olhar para a realidade é somente uma parte da prudência; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem... É dessa dramática imprudência da indecisão que tratam alguns clássicos da literatura, de que voltaremos a falar mais adiante.

²⁴. *Quaest. Disp. de veritate* 10, 1.

²⁵. *In De Anima* 1, 1, 15.

²⁶. *Quaest. disp. de spiritualibus criaturis*, 11 ad 3.

²⁷. *Quaest. Disp. de veritate* 4, 1 ad 8.

A grande tentação da imprudência (sempre no sentido clássico) é a de delegar a outras instâncias o peso da decisão que, para ser boa, depende só da visão da realidade. Há diversas formas dessa abdicação: do abuso de reuniões desnecessárias à delegação das decisões a terapeutas, comissões, analistas e gurus, passando por toda sorte de consultas esotéricas. E, naturalmente, nas religiões, do abuso da direção espiritual aos casuísmos dos fariseus...

De fato, uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é abdicar dessa fina sensibilidade de discernir o que, naquela situação concreta, a realidade exige e trocá-la por critérios operacionais rígidos, como num "Manual de escoteiro moral" ou, por um estreito legalismo à margem da virtude da justiça. É também o caso do radicalismo adotado por certas propostas religiosas. Tal como o "Ministério do Vício e da Virtude" do regime Taliban, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto!

O "Tratado da Prudência" de Tomás é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa e o caráter dramático da prudência se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há "receitas" de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no *Tratado* - a prudência versa sobre ações contingentes, situadas no "aqui e agora".

E é que a prudência é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a prudência não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos, não!; ela olha para o "tabuleiro de xadrez" da situação "aqui e agora", sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o "lance" certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é: a realidade! Saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (que devo dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este *mail*? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isto é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos, sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao "outro pólo": o da realidade (que significa "amar o próximo" nesta situação concreta?).

A condição humana é tal que - muitas vezes - não dispomos de regras operacionais concretas: sim, há um certo e um errado objetivos, um "*to be or not to be*" pendente de nossas decisões, mas não há regra operacional. Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos!

Note-se que esta é também a razão da insegurança em tantas decisões humanas: a *prudentia* traz consigo aquele enfrentamento do peso da incerteza, que tende a paralisar os imprudentes²⁸.

Como já apontávamos, é dessa dramática imprudência da indecisão, que falam alguns clássicos da literatura: do "*to be or not to be*..." de *Hamlet* aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo "Grande Inquisidor" de Dostoiévski, que descreve "o homem esmagado sob essa carga terrível:

²⁸. Como indicávamos, curiosamente, a *prudentia*, virtude da decisão, converteu-se na atual "prudência" indecisa...

a liberdade de escolher"²⁹ e apresenta a massa que abdicou da prudência e se deixa escravizar, preferindo "até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal"³⁰. E, assim, os subjugados declaram de bom grado: "Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis"³¹.

A Teologia "negativa" de Tomás

Dizíamos que o posicionamento de Tomás é o de uma *theologia negativa* e de uma *philosophia negativa*. Precisamente pela ignorância desse decisivo caráter "negativo" no pensamento de Tomás é que ele tem sido freqüentemente mal compreendido, até pelos tomistas. Aliás, o filosofar de Tomás é tal que é incompatível com um "tomismo"³², com um "sistema" filosófico ou com um racionalismo (e tantas vezes Tomás tem sido injustiçado com o rótulo de racionalista).

Examinemos outras instâncias desse caráter negativo no pensamento de Tomás.

Como vimos, no que diz respeito ao conhecimento, Tomás assume uma *philosophia negativa*. Esse caráter "negativo" informa também seu modo de fazer teologia, teologia essencialmente bíblica. Contra as *rationes necessariae* de um Anselmo, contra a pretensão de deduzir logicamente as verdades da fé, Tomás afirma o mistério para o homem, contraponto da liberdade de Deus: "Não há nenhum argumento de razão, naquelas coisas que são de fé"³³.

E na questão: "Se Deus teria se encarnado se não tivesse havido o pecado do homem", Tomás recolhe como objeções os argumentos tradicionais na Escolástica: "Sim, a Encarnação necessariamente ocorreria, pois a perfeição pressupõe a união do primeiro - Deus - com o último, o homem"; ou: "Seria absurdo supor que o pecado tivesse trazido para o homem a vantagem da Encarnação e que, portanto, necessariamente, teria havido Encarnação, mesmo sem o pecado"... Tomás, em sua resposta, refuta categoricamente essas objeções, afirmando: "A verdade sobre esta questão só pode conhecê-la Aquele que nasceu e se entregou *porque quis*"³⁴.

Nesse quadro "negativo", pode-se compreender melhor o significado da *prudentia* em Tomás: porque não conhecemos completamente as coisas, não podemos ter a certeza matemática nem critérios operacionais para discernir o bem; para a boa decisão moral, precisamos das (frágeis e incertas) luzes da *prudentia*.

E é que também no que se refere à *prudentia*, estão, como pano de fundo, os dois elementos-chave de Tomás: mistério e liberdade. Afirmar a *prudentia* é afirmar que cada pessoa é a protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar os meios de atingir seu fim: a sua realização. Esses meios não são

²⁹. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázovi* São Paulo, Ouro, s.d., p. 226.

³⁰. Ibidem, p. 225.

³¹. Ibidem, p. 224.

³². Josef Pieper, talvez o melhor intérprete de Tomás em nosso tempo, afirma: "Não pode haver um 'tomismo' porque a grandiosa afirmação que representa a obra de S. Tomás é grande demais para isso (...). S. Tomás nega-se a escolher algo; empreende o imponente projeto de 'escolher' tudo (...). A grandeza e a atualidade de Tomás consistem precisamente em que não se lhe pode aplicar um 'ismo', isto é, não pode haver propriamente um 'tomismo' ('propriamente', isto é: não pode haver enquanto se entenda por 'tomismo' uma especial direção doutrinária caracterizada por asserções e determinações polêmicas, um sistema escolar transmissível de princípios doutrinários)". *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, München, DTV. 1981, p. 27.

³³. In III Sent. d 1, q 1, a 2, c.

³⁴. In III Sent. d 1, q 1, a 3, c.

determináveis "*a priori*"; pertencem, pelo contrário, ao âmbito do contingente, do particular, do incerto do futuro e, necessariamente, a *prudencia* se faz acompanhar da insegurança, da necessária insegurança que acompanha toda vida autenticamente humana.

Afinal, para Tomás, o que o conceito de pessoa acrescenta à essência humana é precisamente a individualidade concreta: "alma, carne e osso, são configuradores do homem (*sunt de ratione hominis*); mas esta alma, esta carne e estes ossos são configuradores deste homem (*sunt de ratione huius hominis*) e assim 'pessoa' acrescenta à configuração da essência os princípios individuais"³⁵.

Qualquer atentado contra a *prudencia* tem como pressuposto a despersonalização, a falta de confiança na pessoa, considerada sempre "menor de idade" e incapaz de decidir e, portanto, devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a igreja, o estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso...

Incapaz de avaliar a realidade concreta, o inquisidor prefere sempre a "segurança" e ele tem um constante viés, uma obsessão pela lei. Ele pensa erradamente que a lei garantirá a moralidade: pela proibição, pela censura... E se esquece de tantas experiências de efeito inverso, como a da "lei seca" nos Estados Unidos e do fracasso e da degeneração de todas as censuras³⁶.

Tomás, realista, nunca pensou, por exemplo, em acabar com a prostituição; pelo contrário, endossa plenamente a sentença de Agostinho: *Aufer meretrices de rebus humanis, turbaveris omnia libidinibus* (suprimam-se as prostitutas e tudo será tomado pela luxúria) e diz que o governo humano deve imitar o divino; ora, Deus embora seja onipotente e sumamente bom permite certos males, que, suprimidos, impediriam bens maiores ou levariam a males piores... (II-II, 10, 11). Por isso que os fundamentalistas não aceitam esse Deus, incompetente e ineficaz.

Falávamos do perigo adicional de uma pessoa - ou instituição... - estar convencida de que é representante da verdade de Deus e, portanto, se permitir pequenos (ou grandes...) deslizes na seriedade e no rigor.

Nesse sentido, apresento os seguintes Anexos³⁷. Em A, B e C, vemos a verdade atropelada pelo pragmatismo: as certezas dos agentes de Deus, a determinação em cumprir a "vontade de Deus" prevalecem sobre qualquer outro valor. C é um exemplo do que considero "catolicismo insaciável".

Anexo A – Navarro Valls e a "aprovação" do Papa ao Filme "A Paixão".

Anexo B – D. Rafael Llano Cifuentes e a "camisinha": argumentos científicos?

Anexo C – Há transparência na Igreja? O caso de "El Padre", Marcial Maciel.

Anexo D – O guia do eleitor, do site de D. Antônio Carlos Rossi Keller

³⁵. I, 29, 2 ad 3.

³⁶. Cf. p. ex. os surpreendentes diálogos com o Gal. Golbery em Arns, Dom Paulo Evaristo Da Esperança à Utopia, Rio de Janeiro, Sextante, 2001, p. 370.

³⁷ Os anexos B e C procedem de Silva, Marcio Fernandes da *Educar para a submissão – o caso Opus Dei*, dissertação de mestrado apresentada à FEUSP, 2009, respectivamente às pp. 135 e ss, e 32-33.

ANEXOS

Anexo A – Navarro Valls e a “aprovação” do Papa ao Filme “A Paixão”.

Ainda a propósito de “A Paixão” de Mel Gibson, no final de 2003, por ocasião do lançamento do filme, agências católicas - como a Zenit³⁸, tão próxima ao Vaticano - lançaram a bombástica notícia de que o Papa João Paulo II assistiu ao filme e declarou: “It is as it was”, o que supõe um enorme embaraço para católicos que simplesmente não gostaram do filme ou não concordavam com esse estilo de “evangelização”. Se o Cardeal Hummes critica o filme e o Papa o aprova, com quem ficamos? O fato é que um mês depois, o secretário do Papa, Stanislaw Dziwisz, desmentiu que o Papa tivesse feito esse comentário..., mas poucos ficaram sabendo.

A revista *30 Giorni* assim relata esse vergonhoso episódio:

“A Paixão de Cristo É exatamente como aconteceu na realidade”. Ou não? É exatamente como aconteceu na realidade”. Esta frase do Papa, referindo-se ao filme *A Paixão de Cristo*, do diretor Mel Gibson, foi o centro de um pequeno mistério internacional. Sandro Magister, na revista italiana *Espresso* de 12 de fevereiro, reconstrói os intrincados acontecimentos. Tudo começou no dia 8 de dezembro, quando o secretário do Papa, Stanislaw Dziwisz, recebeu Steve McEveety, o produtor americano do filme e sua esposa; Jan Michelini, diretor-assistente de Gibson; e o pai de Jan, Alberto Michelini [conhecido membro do Opus Dei], deputado italiano do partido Forza Italia. O objetivo do encontro era agradecer-lhes por terem proporcionado a pré-estréia do filme ao Pontífice. O concorde comentário do Papa chegou depois dos favoráveis comentários de outros prelados, entre os quais o cardeal Darío Castrillón Hoyos e o braço direito do cardeal Joseph Ratzinger, monsenhor Augustine di Noia, além de respeitáveis movimentos eclesiais, como o Opus Dei e os Legionários de Cristo. E, em pouco tempo, a notícia deu a volta ao mundo. Até que, em 19 de janeiro, Dziwisz desmentiu tudo. E o artigo de Magister no *Espresso* assim se conclui: “Agora todos se agitaram, pois Jan Michelini reconfirma a sua versão, McEveety passou uma mensagem e-mail de Joaquín Navarro-Valls [porta-voz do Papa e membro numerário do Opus Dei] na qual este lhe comunica para não se preocupar e ir adiante usando a fatal frase do Papa “mais e mais ainda”. Rod Dreher, do *Dallas Morning News*, pede ulteriores confirmações a Navarro recebendo deste resposta negativa, as suas mensagens a McEveety e a outros são absolutamente falsas. Ainda que todas resultem provenientes do mesmo endereço web vaticano, o mesmo de onde saiu a sua desmentida. Em 22 de janeiro, o diretor da Sala de Imprensa Vaticana emitiu um comunicado oficial: ‘O Santo Padre tem como hábito não manifestar julgamentos públicos sobre obras artísticas’. Mesmo em privado? O que é certo é que em público foram apresentadas grandes mentiras”.

<http://www.30giorni.it/br/brevi.asp?id=107>

38 <http://www.zenit.org/article-8981?l=english>

Anexo B – D. Rafael Llano Cifuentes e a “camisinha”: argumentos científicos? [1]

Em 12-11-03, D. Rafael Llano Cifuentes, bispo e numerário do Opus Dei então presidente da Comissão Família e Vida da CNBB, publicou: “Carta às famílias do Brasil: a educação afetiva e sexual dos filhos e o uso do preservativo como inibidor da Aids”. O objetivo é claro: ele, como intelectual entre os bispos, defenderá “cientificamente” aquilo que seus colegas pregam de modo meramente pastoral...:

Ultimamente tem aparecido, nos jornais, revistas e televisão – inclusive num programa de grande audiência – ataques a nossa grande família que é a Igreja, chamando-a de “retrógrada” e “medieval”, e tratando ao Cardeal Alfonso López Trujillo, que trabalha no Vaticano como Presidente do Pontifício Conselho para a Família, de uma maneira afrontosa. Culpam-no, erradamente, de não ter apresentado nenhuma pesquisa sobre a ineficácia dos preservativos. Também por esta razão nos vimos obrigados a citar bastantes pesquisas sobre esta matéria.

Ao ler esta abertura, o católico pensante, que adora apoiar-se em pesquisas científicas para justificar sua fé, já fica antegozando o resultado: as pesquisas científicas. E D. Rafael aguça esse apetite:

Estes argumentos [a favor do preservativo] parecem tão contundentes que não poucos católicos ficam perplexos. Talvez não chegam a contradizer abertamente a posição da Igreja, mas ficam com dúvidas ou acuados ou pelo menos fragilizados.

Pouco depois D. Rafael começa citando autoridades científicas:

O eminente descobridor do HIV, Luc Montagnier, não se recusou a comprometer-se a fundo ao indicar como deveriam ser as campanhas contra a AIDS: “são necessárias campanhas contra práticas sexuais contrárias à natureza biológica do homem. E, sobretudo, há que educar a juventude contra o risco da promiscuidade e o vagabundeio sexual” . Note-se que não é o Padre que fala no confessional, mas o cientista-descobridor do HIV.

O que D. Rafael não cita é o pensamento completo de Luc Montagnier, como quando ele diz:

Eu penso que a campanha de disponibilizar preservativos para os jovens a 0.16 euros é muito importante e isso deveria ser generalizado. De fato o perigo está presente e há poucas campanhas nacionais voltadas para os jovens. Muitas farmácias vendem preservativos a preços proibitivos para os jovens. O efeito dessa campanha de preços acessíveis é notável. Certamente, o preservativo não é a única atitude de prevenção: gosto de lembrar que a limitação do número de parceiros e a fidelidade recíproca são também atitudes responsáveis.

Em seu estilo subreptício, Dom Rafael prossegue:

Uma fonte da Internet subscreve: “Em maio de 2003, um estudo realizado na França pelo “Instituto da Saúde e da Pesquisa Médica”, põe os cabelos em pé, ao indicar que a metade dos preservativos usados se rompem ou se utilizam mal: há, portanto, segundo esse estudo, somente uns 50% de eficácia prática dos preservativos. A eficácia teórica, realizada no

laboratório em condições ideais, é bem diferente da eficácia alcançada no uso prático dos preservativos.

O leitor fica se perguntando: que “fonte” será essa? Por que ele a indica, assim veladamente, se os dados que ela traz são tão importantes?

Esta mesma fonte acrescenta: “Toda sociedade se fundamenta na confiança que os cidadãos têm nos responsáveis políticos, escolhidos democraticamente nas urnas, por isso mesmo não há nada mais decepcionante que a queda dessa confiança. Confiamos em que os responsáveis políticos haverão tomado nota destes importantes estudos que se acabam de citar, para agir em consequência, já que não se pode brincar com a saúde dos cidadãos.

A verdade é que não se trata de fonte alguma, nem de citação alguma. O site que Dom Rafael indica não é de fonte, mas de um obscuro senhor José Javier Ávila Martínez e de seu site, que de fonte não tem nada. Esse senhor Ávila Martínez só aparece no Google como membro do Opus Dei e secretário do Colégio Tajamar (também do Opus Dei) em Madrid. Esse seu não fundamentado “dado” (o de que o Instituto francês teria anunciado que 50% dos preservativos não funcionam!!) já foi retirado de seu site e só consta (sempre sem a indicação da suposta fonte) em meia dúzia de “fontes” reprodutoras do Opus Dei ou similares...

Só uma pessoa que jamais usou um preservativo é capaz de acreditar em uma besteira desse porte!

Isto não impede de Dom Rafael concluir:

O descobridor do HIV, o Centro de Controle de Doenças de Atlanta [que, segundo o autor, teria afirmado acacianamente que a única prevenção absolutamente segura é a abstenção], o Instituto da Saúde e da Pesquisa Médica da França, não falam fundamentando-se numa norma religiosa mas, pelo contrário, baseando-se nos resultados orientados por um estudo científico sério e consciencioso. Então, como é possível dizer que a “Igreja nega o óbvio”?

Mas o descobridor do HIV é a favor da ampla distribuição de preservativos e o “Instituto da França” é uma quimera do site *piensaunpoco*, satélite do Opus Dei...

Mas o melhor ainda está por vir: a candura com que D. Rafael contempla rapidamente o milagre de Uganda! Nenhuma discussão ideológica, nem uma palavra sobre as pressões de Bush, nenhuma voz contrária: para ele, o fato é simples: todos os ugandenses vivem a castidade, não usam preservativo e a Aids foi erradicada.

Menciona-se o caso de Uganda que em 1991 contava com uma taxa de infecção de 20%, enquanto que no ano de 2002 tinha descido aos 6%, em virtude de uma política sanitária centrada na fidelidade e na abstinência, não no preservativo.

A fonte indicada? O boletim *Acepresa*, feito pelo Opus Dei e que se encontra em todos os seus centros. E o jornal *La Gaceta de Negocios*:

O jornal espanhol *La Gaceta de los Negocios*, (16/12/02) comenta nesse sentido: “os patrocinadores do preservativo, como principal instrumento de prevenção da AIDS, em lugar de aceitar esta evidência – o grande sucesso da Uganda – se obstinam nas políticas de extensão do uso do preservativo, que leva inevitavelmente consigo o implícito convite à promiscuidade sexual sob a mentirosa promessa do ‘sexo seguro’. O

resultado é o que temos diante dos olhos. Há loucos dispostos a tudo antes de propor o domínio sobre as paixões”. A afirmação está feita por um jornal comercial, não por um boletim paroquial.

Dom Rafael omite o fato de que a Gaceta de Negocios é sim um boletim das sacristias do Opus Dei: é o carro-chefe “en la creación de un grupo multimedia de orientación católica y conservadora (los principales accionistas de Negocios son destacados miembros del Opus Dei)”.

Assim, esgrimindo habilmente suas “fontes”, algumas ligadas ao próprio Opus, Dom Rafael vai posando de cientista, esquecendo de que a Igreja precisa preservar, antes de mais nada, a verdade e a correção.

O estudo de Dom Rafael, que se originou nessas fontes ligadas ao Opus Dei, fecha seu ciclo e acaba reproduzido em sites ligados ao Opus Dei (ou afins): como o Portal da Família, o Veritatis Splendor, etc. E la nave va...

[1] Em <http://blogdodario.blogspot.com/2007/07/camisinha-como-o-opus-dei-argumenta.html>, acessado em 19/01/2009.

Anexo C – Há transparência na Igreja? O caso de “El Padre”, Marcial Maciel.

(...) Ante qualquer crítica a seus métodos de seita, os membros da prelazia respondem que o Opus Dei não pode enquadrar-se no conceito de seita, pois é parte da Igreja Católica e conta com a aprovação eclesiástica. Na verdade, a aprovação eclesiástica – e não esqueçamos que o Opus Dei, como Prelazia Pessoal, não presta contas aos bispos nem ao órgão regulador das Congregações Religiosas – incide sobre belos documentos genéricos, cuja concretização em *Vademecums*, *Práxis* etc. passa a quilômetros de distância de qualquer investigação vaticana, sobretudo se tivermos em conta a forte presença de membros da prelazia na Cúria Romana. Sendo assim aplica-se bem, neste caso, o adágio “ir queixar-se para o bispo”, que, na fraseologia popular significa: queixa inócua, que não vai dar em nada.

Seja como for, vale a pena registrar um caso ilustrativo do funcionamento da Cúria Romana, quando se trata de movimentos amigos, como é o caso dos Legionários de Cristo, talvez a instituição da Igreja mais semelhante ao Opus Dei. O caso – o processo contra *El Padre*, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários – é conhecido, mas seguiremos a análise de John Allen³⁹, tão simpático ao Opus Dei.

Em 19 de maio de 2006, com as atenções da mídia todas voltadas para as reações da Igreja à estréia mundial (no dia seguinte, dia 20) do filme *O Código da Vinci*, Bento XVI divulga sanções da Congregação para a Doutrina da Fé contra “El Padre”, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários de Cristo, acusado de haver abusado sexualmente de dezenas de seminaristas de sua congregação: o religioso fica proibido de celebrar missa publicamente, de dar conferências, entrevistas ou qualquer outra atividade pública e é convidado a retirar-se a uma vida de penitência. Mesmo um John Allen tem que reconhecer que tal ato “é visto como uma confirmação da

³⁹ “Vatican restricts ministry of Legionaries priest founder. Move seen as confirmation of sex abuse allegations against Maciel”, em <http://nationalcatholicreporter.org/update/bn051806.htm>, acessado em 19/01/2009.

veracidade das acusações contra Maciel”... Um cardeal da Congregação para a Doutrina da Fé declarou que, a seu ver, resta pouca dúvida quanto à validade das acusações, embora a Santa Sé declarasse que, em atenção à avançada idade do Pe. Maciel, não iria levar adiante o processo⁴⁰, simplesmente impondo-lhe aquelas restrições.

Nove vítimas do Pe. Maciel decidiram romper o silêncio quando, numa viagem de João Paulo II, em 1993, este referiu-se ao Pe. Maciel como um “eficaz guia para os jovens”. João Paulo II, convencido de que as acusações se deviam somente à ortodoxia de Maciel e à sua lealdade ao Papa, recomendou ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o então Cardeal Ratzinger, que não levasse adiante o processo.

Temendo pela repercussão negativa do engavetamento do processo, o Cardeal Ratzinger reabre-o em 2004 (já próximo do final do Pontificado de João Paulo II e da eleição de um novo Papa), para, uma vez eleito Papa, dar essa “solução” em 2006.

Trata-se de um caso estarrecedor: abusar de dezenas de garotos, de 10 a 16 anos, sob o pretexto – ainda citando John Allen – de que dispunha de uma especial dispensa do Papa para “brincar” com eles, pois assim aliviaria suas terríveis dores de estômago...

Atualmente, diante do surgimento – em muitos países – de grande quantidade de publicações contendo críticas à prelazia, a mesma tem utilizado com maior frequência o expediente de valer-se da aprovação eclesiástica genérica de seus estatutos e do fato de pertencer formalmente à Igreja Católica. O Opus Dei procura, desta forma, identificar ataques ao grupo como ataques à Igreja Católica em geral. Classifica, assim, os seus críticos como apenas mais alguns dos incontáveis inimigos da Igreja Católica, que tantos ataques sofreu ao longo de sua história.

Anexo D – O guia do eleitor, do site de D. Antônio Carlos Rossi Keller

O catolicismo insaciável chega a extremos: o site de D. Keller, apresenta desde 2004, às vésperas da eleição de Bush e de eleições no Brasil, o “Guia do eleitor para os verdadeiros Católicos”, avisando que se trata “dos cinco pontos decisivos para qualquer candidato em qualquer nível: aborto, “matrimônio” homossexual, eutanásia, pesquisas com células fetais e clonagem humana”.

Enquanto na primeira página (p. 7) do Guia Eleições-2006 da CNBB http://www.cnbb.org.br/documento_geral/CartilhaEleicoes.pdf já se fala do sistema capitalista neoliberal, globalização financeira, absolutização do capital sem controle social, salários aviltados, desemprego, violência, crime organizado, exclusão social, reforma agrária etc. etc. etc. o *Portal Presbiteros* fica em seus 5 pontos.

<http://www.presbiteros.com.br/old/doutrinasocial/GUIA%20DO%20ELEITOR.htm>

⁴⁰ Em http://nationalcatholicreporter.org/update/maciel_communique.pdf, acessado em 19/01/2009.